



School Shooting: violência escolar e variáveis que se relacionam

Bruna Mendes Cardozo¹; Diego Artur da Silva Souza²

Faculdade Arnaldo

Resumo

Diante dos crescentes índices de casos envolvendo *school shooters* (atiradores escolares) e o grande questionamento que perpassa pelas pessoas (o que leva um indivíduo cometer tal ato?), este trabalho visa pontuar variáveis que estão relacionadas com os *school shootings*. Para tal, a pesquisa foi baseada em uma revisão bibliográfica, estudos de casos de atiradores escolares, principalmente de pessoas norte americanas e uma entrevista com dois psicólogos. Observa-se que fatores como: *bullying*, jogos e filmes violentos, gênero, contexto familiar e psicopatologia são as principais causas apontadas como influenciadoras para a ação dos atiradores. Porém, esses fatores não são determinantes, visto que cada indivíduo estabelece e percebe uma relação com o ambiente no qual está inserido.

Palavras-chave: *School Shooting*; Escola; *Bullying*; Violência.

Introdução

As escolas são instituições educativas e socializadoras e, como em outros locais, elas também passam por grandes problemas a serem resolvidos. O eixo temático deste trabalho é baseado nos *school shootings* (tiroteios escolares). Nos Estados Unidos, pode-se encontrar registros de *school shootings* datados a partir de 1989, quando Patrick Edward Purdy, 24 anos, na Califórnia, matou 5 pessoas, feriu 30 e matou a si próprio (REINHOLD, 1989).

Casos como esses continuaram acontecendo, como em 1999, em Columbine, em que Erick Harris, 18 anos, e Dylan Klebold, 17 anos, mataram 13 pessoas, feriram 21 e se mataram. Em 2007, Seung-Hui Cho, 23 anos, matou 32 pessoas e se matou. Em 2012, Adam Lanza, 20 anos, matou 26 pessoas e se suicidou (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009).

De acordo com o jornal *The New York Times*, depois de 2012, houveram 219 tiroteios pelos Estados Unidos, sendo que 438 pessoas ficaram feridas e outras 138 foram mortas (PATEL, 2018). No Brasil, apesar de menos recorrências com atiradores escolares,

¹ Graduanda em Psicologia na Faculdade Arnaldo. E-mail: bruna-mendes12@hotmail.com

¹ Graduando em Psicologia na Faculdade Arnaldo. E-mail: diego.souza1908@gmail.com



segundo o jornal Carta Capital, desde 2002 já correram 8 casos, sendo o último cometido no dia 13 de março de 2019, na cidade de Suzano, São Paulo, deixando 10 pessoas mortas (incluindo os atiradores) e mais algumas feridas (BASILIO, 2019).

Todos esses eventos chocam a população e levantam um questionamento central: o que faz uma pessoa cometer tal ato? Para essa pergunta não há uma única resposta, o que existe são hipóteses, que são específicas para cada caso, não se pode generalizá-las. Desta forma, a partir de uma revisão de trinta episódios de tiroteios escolares, (incluindo massacres e tentativas), o Serviço Secreto dos Estados Unidos junto com o Departamento de Educação dos Estados Unidos elaborou um relatório em que se concluiu:

Não há um perfil característico dos estudantes atiradores (nem psicológico nem demográfico), pelo menos não de forma acurada. Porém, o relatório não descarta a existência de variáveis que podem ser identificadas em boa parte dos incidentes dessa natureza (UNITED STATES SECRET SERVICE; UNITED STATES DEPARTMENT OF EDUCATION, 2004 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009).

Ao se fazer esta pesquisa, utilizando de revisão bibliográfica com a complementação de duas entrevistas, percebe-se que os temas *bullying*, jogos e filmes violentos, configuração familiar, gênero e psicopatologia são os que mais aparecem como variáveis que podem ser eliciativas para uma pessoa tomar a decisão de atirar em uma escola. Por isso, o objetivo do trabalho é mostrar um pouco dessas variáveis de forma não determinista e não generalizadora.

Metodologia

Esta pesquisa é qualitativa de cunho exploratório, visto que o objetivo é obter mais informações e familiaridade com os aspectos que envolvem casos de *school shootings*. Para tal, utilizou-se de pesquisa bibliográfica, através da qual levantou-se as principais variáveis que são apontadas como influenciadoras para casos de massacres escolares.

Utilizou-se de artigos de periódicos on-line, estudos de casos e entrevistas de manchetes de jornal como, *The New York Times*, Folha de São Paulo e Carta Capital. Realizou-se também uma entrevista com dois psicólogos, que dentre suas atuações, são docentes da Faculdade Arnaldo.

Através do levantamento bibliográfico, analisou-se casos de *school shootings*, que são, em sua maioria, norte americanos, visto que os Estados Unidos é um dos países que mais sofre com esse tipo de problema.



Resultados e Discussões

1) *Bullying*

O termo *bullying* foi utilizado pela primeira vez em 1978, em referência a ataques constantes de uma pessoa considerada mais forte contra outra mais fraca. Quem empregou esse termo foi o professor Dan Olweus, da Universidade Bergen (Noruega), ao realizar estudos sobre as tendências suicidas entre jovens (BINSFELD; LISBOA, 2010, p.78 *apud* FARIAS; SOUSA, 2016, p.78).

O *bullying* pode se manifestar de diversas maneiras, sendo dividido em três tipos, segundo Martin (2005 *apud* FARIAS; SOUSA, 2016, p.79): físicos (agressões físicas, roubos, forçar comportamentos sexuais, etc.), verbais (comentários racistas, apelidar, etc.) e indiretos (ameaça de exclusão, fofocas, etc.). Dados coletados em uma pesquisa feita por Cristovam *et al.* (2010 *apud* OLIVEIRA-MENEGOTTO; PASSINI; LEVANDOWSKI, 2013) apontam que 78,8% da amostra pesquisada já esteve envolvida em casos de *bullying*, e as vítimas exibem mais problemas de saúde e tendem quatro vezes mais a cometerem suicídio.

Existem pessoas que sofrem *bullying* que “aceitam” seu sofrimento e não contam nada a ninguém, tendendo a serem pessoas mais tristes, depressivas e com maior possibilidade de se suicidarem. Mas há aqueles que guardam mágoas e rancores por anos, e no momento que atingem seu limite para suportar tal violência, saem do lugar de vítima para agressor, podendo se tornarem potenciais atiradores escolares em casos mais extremos, por exemplo (SOUZA; CUNHA, 2011, p.4 *apud* FARIAS; SOUSA, 2016, p.79).

A ideia acima, de que cada pessoa lida de uma forma diante do *bullying*, é compartilhada pelo entrevistado 1. Segundo ele, o *bullying* não pode ser analisado “como algo sentido e percebido por todos os sujeitos da mesma forma”, pois cada sujeito “dispõe ou não de recursos para lidar com as agressões, frustrações, contingências do real, etc.”. O entrevistado 2 salienta que é perceptível nas vítimas a presença de uma “baixa autoestima, um baixo rendimento, evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade”. Nesse sentido, “a presença ou não de um bom suporte familiar pode ser decisiva para que o sujeito supere as situações traumáticas vivenciadas ou, ao contrário, entregue-se ao isolamento social como uma forma de fuga e proteção contra as agressões”. Para ele “a situação pode, ainda, progredir para transtornos psicopatológicos graves, como fobias e depressões com ideias suicidas ou, por outro lado, fomentar desejos intensos de vingança”.



Analisando casos de *school shootings*, vemos que o *bullying* apareceu nos relatos de seus cotidianos escolares. Michael Carneal, 14 anos, por exemplo, atirador do massacre *Heath High School*, sofria violências físicas e verbais. Os alunos do colégio fizeram uma matéria no jornal dizendo que o mesmo era homossexual (SILVA, 2016, p.110). Erick Harris, 18 anos, e Dylan Klebold, 17 anos, atiradores do massacre de Columbine, em 1999, sofriam perseguições e humilhações de atletas (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.496).

Guilherme Taucci, 17 anos, um dos responsáveis pelo tiroteio ocorrido em Suzano, São Paulo, havia abandonado a escola um ano antes de se formar. Segundo relato de sua mãe, ele saiu porque não aguentava mais sofrer tanta ‘zoações’, que vinham principalmente de sua aparência, por possuir muitas espinhas no rosto (MENA, 2019).

2) Jogos e filmes violentos

Muitas pesquisas se empenharam, durante os últimos 60 anos, em estudar às diferentes ferramentas midiáticas, especialmente após o surgimento e popularização da televisão. O objetivo dessas pesquisas é investigar uma possível influência destas mídias no comportamento de crianças, jovens e adultos (ANDERSON *et.al.*, 2016 *apud* SARMET, 2012).

Segundo Rodrigues (2016), as muitas discussões sobre como as diversas configurações de violência são ensinadas, aprendidas, imitadas e incorporadas, além da influência das mídias sobre o comportamento, tendem a polarizar os resultados para um efeito de causalidade. Ou seja, o sujeito que se expõe ao consumo de bens culturais violentos é estimulado a reproduzir ações violentas. Outro resultado possível e mais radical é que “livros, filmes e jogos violentos são aprendidos como uma formatação para matar, dessensibilizando os consumidores da brutalidade e aumentando sua agressividade” (RODRIGUES 2016).

Dentre tais estudos, Anderson e Bushman (2001 *apud* SARMENT, 2012) realizaram uma meta-análise com estudos sobre a influência de jogos na agressividade, datados até o ano 2000. Eles utilizaram de um modelo explicativo objetivando compreender se existe relação entre essas duas variáveis. Entre esses estudos, baseados na teoria de aprendizagem social e teoria cognitiva associacionista, o indivíduo ao se expor a determinados estímulos, informações e padrões de comportamento, sem que haja criticidade e controle sobre eles, tende a sofrer influências em seu comportamento futuro (ANDERSON; BUSHMAN, 2001 *apud* SARMENT, 2012).

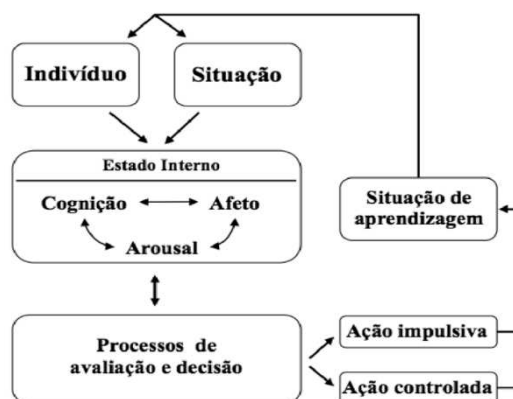


Estudos realizados por Gomide e Speranceta (2002) apontam que crianças pré-escolares, após serem exposta a filmes de lutas, podem aumentar a quantidade de comportamentos agressivos logo após assistirem ao conteúdo violento (GOMIDE, 2000; GOMIDE; SPERANCETA, 2002 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009). Esses dados estão de acordo com a teoria de aprendizagem social de Bandura na qual diz que uma pessoa ao observar o ambiente e perceber que determinados comportamentos trazem consequências favoráveis, há possibilidades desses comportamentos serem aprendidos (BANDURA, 1979 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.495).

De acordo com Sarment (2012) a influência pode ser analisada por três rotas específicas, conforme Figura 1:

- a) Cognição, uma vez que os estímulos ativam padrões mnemônicos específicos, elevando a acessibilidade de determinados pensamentos e scripts. Isso facilitaria, por exemplo, o processo de interpretação de uma situação ambígua a partir de uma perspectiva agressiva ou não, a depender do tipo de informação que se torna mais acessível na memória;
- b) afeto, que está relacionada ao nível de valência de determinados estímulos e das informações ativadas na memória, informação fundamental para que o indivíduo estabeleça relações de gosto, preferência e agradabilidade, e;
- c) excitação (*arousal*), que está relacionada às consequências fisiológicas resultantes do contato com um determinado conjunto de estímulos, o que pode facilitar ou dificultar o processo de aquisição e interpretação de informações do contexto.

Figura 1: Rotas específicas de influência, de jogos violentos, na ação do sujeito.



Fonte: Sarment, 2012.

Conforme Sarment (2012), pode-se inferir com dada proposição que o processamento dos *inputs* acontece de forma automática e os processos de avaliação e decisão sofrem



influências desta situação. É possível supor que os elementos que constituem as mídias podem em algum nível influenciar o estado interno dos jogadores.

De acordo com Killingbeck e Larkin (2007 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009), esses tipos de mídias podem contribuir para uma construção fantasiosa de vingança, morte gloriosa e heroica. Erick Harris e Dylan Klebold, por exemplo, tinham preferência por filmes e videogames violentos, além de gostarem de músicas de caráter protestante, como do cantor norte americano Marilyn Manson.

Segundo o entrevistado 1, “filmes, livros, jogos, brincadeiras e desenhos violentos sempre existiram”. Esses itens listados, alguns artísticos como os livros e filmes, são, em seu ponto de vista, “meios de manter a agressividade, os pensamentos violentos em bases simbólicas [...] sendo essas mídias a expressão de um cotidiano, ou um modo artístico de expressar o conhecimento”. Para ele não há uma causalidade na questão, sendo que “as mídias em si não são diretamente responsáveis pela violência, mas sob determinados contextos podem influenciar atos violentos”. Já o entrevistado 2 cita que “mídias, livros, jogos, etc., mais dessensibilizam o sujeito do que induzem ao crime”.

3) Configuração familiar

Partindo de uma abordagem sistêmica, a teoria dos sistemas ecológicos de Urie Bronfenbrenner (1996 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.494), dirá que a família é o primeiro ambiente da criança, sendo denominado de microssistema. Nesse microssistema que se obterá “a maior fonte de afeto, segurança, proteção e bem-estar, proporcionando o importante senso de permanência e estabilidade nos primeiros anos de vida”. Assim “a ausência de interações saudáveis entre pais e filhos pode afetar o desenvolvimento das crianças e sua preparação para a vida social dos anos posteriores” (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.494).

Do ponto de vista de estilo parental, que é o padrão de interação dos pais com seus filhos, pode-se listar os seguintes tipos: autoritário (alto nível de controle e pouco afeto na maioria das interações, pode ser prejudicial para o desenvolvimento da criança), indulgente (são afetivos, mas com baixo nível de controle, com poucas regras e pouca demanda de responsabilidade), negligente (sem controle, sem regras a serem seguidas e baixo nível de afetividade e contato), autoritativo (participação dos pais na vida dos filhos, regras claras, estabelecimento de limites, boa interação afetiva, estudos demonstram que esse tipo de estilo



é melhor para o desenvolvimento) (CECCONELLO *et al.* 2003 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.494).

Outro ponto importante, que vai de acordo com a teoria de aprendizagem de Bandura, é que os filhos podem replicar os estilos parentais aprendidos (MARLER *et al.*, 2005 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.495). É importante que os pais tenham um estilo parental em que sejam mais presentes, participativos, afetivos e reflexivos com os filhos, pois o modo como ambos se relacionam é importante para o desenvolvimento.

A presença de pais atuantes e reflexivos no cotidiano dos filhos pode contribuir para que modelos de vingança e interpretações distorcidas de atos heróicos violentos sejam questionados e modelos adequados sejam construídos e apresentados aos filhos. Da mesma forma, pais presentes, que interagem e se dedicam afetivamente aos filhos, têm condições de identificar que tipo de relações eles vêm estabelecendo em seu cotidiano (há sinais de que possam estar sendo vítimas de bullying? Há carência de afeto?), de identificar elementos de risco (interesses por armas, textos, vídeos, e materiais que possam influenciar a construção de percepções distorcidas da realidade), e assim proceder com as intervenções e cuidados pelos quais são responsáveis (VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.499).

Mitchel Johnson, de 13 anos, que realizou o massacre *Westside Middle School*, junto com Andrew Ouro, 11 anos, tinha um pai alcólatra e agressivo, uma mãe pouco presente, já que a mesma trabalhava o dia todo fora de casa. Seus pais se separaram, mesmo sobre as constantes ameaças de seu pai. Em seu comportamento, notava-se que ao surgir uma situação problema, Johnson ficava bastante violento. Havia acontecimentos em sua vida que seus pais só foram saber depois de sua morte, como o fato de ter sido abusado sexualmente por um outro garoto quando tinha 6 anos (SILVA, 2016, p.112).

Segundo o entrevistado 1, uma configuração familiar pode passar por diversos entendimentos e perspectivas, como pobreza, exclusão, monoparentalidade, orfandade, etc. Mas, ao se considerar que a família é um núcleo estruturante da subjetividade, é possível pensar na possibilidade de que a mesma tenha influência nos comportamentos violentos. “Pensar na possibilidade de influência talvez seja mais adequado que afirmar uma responsabilidade” da família.

O entrevistado 2 diz que ainda se espera que a escola substitua o lugar da educação primária, tradicionalmente delegada à família. Parece ter havido uma terceirização de autoridade, fazendo com que a escola deixasse de ser um espaço de referência ética-moral. As



desavenças e brigas escolares, que há alguns anos eram resolvidas fora da escola: "depois da aula te pego lá fora"; hoje, o limite fora/dentro se desfez, fazendo com que "pegar lá fora" ou dentro da escola se tornasse a mesma coisa. A escola começou a ter que assumir responsabilidades que, a princípio, não era de sua incumbência e da qual não estava preparada para assumir. Com a transferência de determinado poder da família para a escola, houve espaço para que certa "desorientação" se instaurasse já que a Lei, mantenedora da ordem, estava fragmentada.

No caso de um dos atiradores de Suzano, Guilherme Tauci, 17 anos, em uma entrevista feita com sua mãe, a mesma diz que apesar de não terem um relacionamento ruim, os dois quase não conversavam. Guilherme também não tinha muito contato com seu pai, seus avós que o criaram, sendo que sua avó morreu quatro meses antes de acontecer o massacre (MENA, 2019).

4) **Violência escolar: um recorte de gênero**

Muitos autores fazem uma diferença de gênero na prática da violência escolar (BANDEIRA, 2009; BOULTON; UNDERWOOD, 1992; GINI; POZZOLI, 2006; LISBOA, 2005; SHARP; SMITH, 1991 *apud* BANDEIRA; HUTZ, 2012). É perceptível que meninos se destacam como o gênero que pratica o maior número de agressões, pois cometem, tal ato, tanto com meninos e com meninas, enquanto as meninas agredem principalmente outras meninas (BOULTON; UNDERWOOD *apud* BANDEIRA; HUTZ, 2012).

Newman *et al.* (2004 *apud* SILVA, 2016) expressam que "há uma cultura da masculinidade propensa a dar origem a estes ataques", e geralmente percebe-se que os atiradores "se autoconstroem de maneira excessivamente preocupada em expressar uma identidade de gênero masculina, fortemente estereotipada. Muitos dos meninos foram rejeitados por meninas, que muitas vezes se tornaram o alvo de seus ataques".

No caso de Mitchel Johnson, por exemplo, antes do massacre havia sido rejeitado por algumas garotas. O fato de ter sido estuprado por um garoto, quando tinha 6 anos, pode ter abalado sua visão que tinha sobre masculinidade, como se a mesma, a partir daquele momento, estivesse comprometida. Ele também estava passando por um processo judicial, pois foi pego molestado uma garota de 2 anos de idade. No massacre, ele e Andrew Golden, 11 anos, mataram cinco garotas e uma professora, deixando mais onze pessoas feridas (SILVA, 2016). O fato de seis mulheres terem morrido pode não ser um dado aleatório.



Ao ser perguntado se é mera causalidade ou se existe alguma relação entre o fato dos *School Shooters* serem em sua maioria jovens e do sexo masculino, o entrevistado 1 apesar de não ter dados específicos para afirmar se existe ou não uma relação entre gênero, idade e atirar em escolas, alerta para tratar o assunto com cautela.

Se casualidade for tomada no sentido de condição, ou seja, a condição para ser atirador escolar é ser homem e jovem, parece haver uma relação, pois há indícios de mais casos associados a jovens do sexo masculino. Se tomada no sentido de uma “casualidade” como relação de causa e efeito, ou seja, ser homem jovem causa tiros na escola, podemos incorrer em uma generalização que exclui a análise das condições em que isso acontece. Me parece uma generalização imprecisa e selvagem.

O entrevistado 2 aponta que o gênero “masculino tem uma tendência a atuar usando a força física”, e que “nas meninas esse fenômeno aparece com menor frequência e de forma indireta”, o que produz “códigos culturais que definem como devem atuar culturalmente os meninos (mais ativos) e as meninas (mais passivas) ”.

Outro fato que chama atenção, além da maioria dos atiradores serem do gênero masculino, é que a maior parte deles se suicidam logo após o ataque. O massacre, do ponto de vista do atirador, pode ser entendido como um ato heroico, já que estão “combatendo” tudo aquilo que é ruim para eles e também para outras pessoas. Cho Seung-Hui, 23 anos, responsável pelo massacre de *Virginia Tech*, matou 32 pessoas e também se suicidou. Ele enviou vídeos para a *NBC News*, denominado ‘manifesto multimídia’, em um trecho do vídeo, Seung-Hui diz: “graças a vocês morri como Jesus Cristo, para inspirar gerações de fracos e indefesos”. Duas coisas ficam subtendidas em sua fala, a primeira que ele está sacrificando sua vida em prol de outros como Jesus e a segunda que esse ato o faz um herói (DAEMON, 2015, p.15).

5) Psicopatologia

Quando massacres ocorrem, como em *Columbine* (1999) ou em *Suzano-São Paulo* (2019), ao se ler comentários em redes sociais, ouvir conversas sobre o assunto ou assistir um telejornal, nota-se grandes tentativas de traçar o perfil psicológico dos atiradores, buscando muitas vezes diagnósticos psicopatológicos de forma determinista para a conduta dos mesmos. Segundo Dalgalarondo, (2008, p. 27):



A psicopatologia, em acepção mais ampla, pode ser definida como o conjunto de conhecimentos referentes ao adoecimento mental do ser humano. É um conhecimento que se esforça por ser sistemático, elucidativo e desmistificante. Como conhecimento que visa ser científico, não inclui critérios de valor, nem aceita dogmas ou verdades a priori.

Como exposto acima, a psicopatologia tem uma de suas funções ser desmistificante e de caráter científico. Deve-se tomar cuidado ao se diagnosticar uma pessoa, para que rótulos não sejam criados de forma a taxar os indivíduos. Por exemplo, nem todo psicopata é assassino e nem todos os assassinos são psicopatas. “Ao invés de nos preocuparmos com traços que compõem os perfis dos atiradores, devemos nos preocupar com os perfis dos meios onde os massacres ocorrem e como estudantes despreparados para tais ambientes podem responder aos mesmos” (THOMPSON; KYLE, 2005 *apud* VIEIRA; MENDES; GUIMARÃES, 2009, p.495).

De acordo com o entrevistado 1, é difícil afirmar que *school shooters* possuem algum tipo de patologia e qual seria o tipo. Há outras variáveis que podem estar ligadas, como, por exemplo, os atiradores poderiam “estar sob efeito de substâncias psicoativas (inclusive álcool)”. Porém:

Não podemos deixar de considerar a noção de “passagem ao ato”, que pode ser tomada como a falta de recurso simbólico para dar conta de algo inconsciente e insuportável para o sujeito. E quando este recurso simbólico falha, sobrevém o ato inconsciente realizado por um sujeito fora de si.

O entrevistado 2 diz não haver uma “relação causal entre os dois fatores” e “que experiências de vida, como traumas, abusos ou outros fatores sociais, podem desenvolver um comportamento agressivo em uma pessoa sem sinais de doença mental”.

6) Sintoma advindo do contexto escolar/sociedade

Não é possível analisar os impactos da escola na vida dos educandos sem a ótica do contexto sociocultural em que eles estão inseridos, como suas vivências familiares e práticas culturais. Os vínculos que se formam no ambiente escolar estão ligados a conjectura sócio-histórica em que se estrutura a vida dos sujeitos (LOPES; NETO, 2005 *apud* TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

Para D’Aurea-Tardeli e Paula (2009) a escola contemporânea é especificamente parte da ordenação do mundo que se iniciou na modernidade. As novas configurações familiares e



dos papéis de seus integrantes, o novo arranjo e ampliação da educação foram algumas destas mudanças, tornando-a cada vez mais presente na vida social. A nova configuração social, não exige apenas o aumento do conhecimento escolar, mas a necessidade de conviver em grupos mais amplos e plurais, podendo resultar em novas construções afetivas e também gerar adversidades intrapessoais e interpessoais (LOPES NETO, 2005 *apud* TORO; NEVES; REZENDE, 2010).

D'Aurea-Tardeli e Paula (2009) apontam que das funções sociais que a escola exerce, destaca-se a de ensinar a convivência grupal e solucionar conflitos que emergem em seu âmbito, quando se considera relacionar e conviver com grupos cada vez mais diversificados. Pode-se relacionar a violência percebida na escola com o processo da desigualdade e a privação de direitos básicos vividos por muitas crianças brasileiras.

As autoras ressaltam que conflito e violência nem sempre são sinônimos, mas que um conflito mal solucionado pode se transformar em um ato de violência. O que exige investimento de tempo e condições de trabalho, que dado a realidade das escolas do Brasil, com classes superlotadas e fragmentação da formação dos docentes nem sempre é possível de se efetivar.

Segundo D'Aurea-Tardeli e Paula (2009) identificar mais precisamente do que se tratar da violência escolar é fundamental para levantar e discutir as causas, para que, então, se elabore estratégias específicas para enfrentar adequadamente cada situação, pois, na maioria das vezes, os fatos que se destacam nos noticiários, por detrás há outros atos violentos que, por não terem sido identificados e tratados ao decorrer do tempo, eclodiram de forma intensa e com potencialidade de danos muito mais elevados.

A escolha do local geralmente não é por acaso, podendo o lugar ser simbólico, representando problemas de socialização ou demonstrando um sentimento de que foram negligenciados pela sociedade (SILVA, 2016). Segundo Newman *et al.* (2004 *apud* SILVA, 2016), os atiradores escolhem escolas como alvos para representarem um ataque a socialização daquela localidade.

De acordo com o entrevistado 1 o ser humano deve ser compreendido em seu aspecto biopsicossocial. "Nossa subjetividade se forma na interação/introjeção da cultura e como lidamos com isso a cada fase da nossa vida [...] formas de organizar a subjetividade e a vida social tem papel fundamental na constituição do sujeito e na forma como estabelece suas relações interpessoais e de adoecimento".



Segundo a entrevista 1, podemos pegar o atual contexto do Brasil, para exemplificar, utilizando a figura do presidente como uma figura paterna para muitas pessoas. “Se esse ‘pai’ estimula o uso de armas ao invés do diálogo, entre outras coisas que remetem a falta de recursos simbólicos, o que esperar de uma sociedade que o toma como exemplo e não o questiona? Que lugar esse pai gozador tem sobre o impedimento de atos violentos?”. Sob o ponto de vista do entrevistado:

Massacres podem ser expressão sintomática de uma sociedade adoecida, com regras de integração e solidariedade diluídas e muito desgoverno. É óbvio que não estou dizendo que é culpa do presidente, mas a irresponsabilidade que ele tem com o uso da palavra não pode deixar de ser considerada.

De acordo com o resultado da segunda entrevista “as transformações sociais que a sociedade ocidental vem sofrendo desde a metade do século passado tem alterado as formas de relacionamento entre os sujeitos”. Destacando um “individualismo exacerbado, dificuldades em estabelecer laços sociais, mercantilização da educação, dentre outros, são elementos que acabaram por germinar um ambiente propício para que práticas de exclusão e de não reconhecimento do outro”.

Considerações finais

Este trabalho buscou, através de levantamentos bibliográficos e realização de duas entrevistas com psicólogos, pontuar possíveis fatores que estão relacionados com os casos de *School Shootings*. A partir da bibliografia, pontuou-se os aspectos que mais aparecem. O primeiro é o *bullying*, que resumidamente é um ato que pode ser físico, verbal ou indireto que uma pessoa mais “forte” comente contra outra mais “fraca”. Através da análise de casos, percebe-se que a maioria dos atiradores sofriam na escola algum tipo de *bullying*.

O segundo se refere a exposição a mídias violentas, em que se infere que podem influenciar os indivíduos, mas dizer que elas em si são responsáveis pela violência não é verdade. A configuração familiar é importante para o processo de subjetivação do indivíduo, sendo assim podem também influenciar comportamentos violentos, além de que a família através da proximidade, afetividade, delegação de responsabilidades e uma maior participação na vida dos filhos pode ajudar que esses indivíduos solucionem problemas ou percebam que alguma coisa está alterada.



Foi possível compreender um recorte de gênero nos massacres escolares, destacando o gênero masculino como o que mais comete violências no contexto escolar, sendo que uma possível explicação para esse fato reside na construção identitária masculina, em que os indivíduos se baseiam em pressupostos frágeis e estereotipados, que precisam ser reafirmados a todo tempo para não perderem sua masculinidade.

Notou-se que é comum as manchetes de jornais e a opinião pública destacarem os massacres escolares como um ato cometido por sujeitos com algum tipo de psicopatologia. É preciso desmitificar esse pensamento que não é uma verdade *a priori*, pois há outros fatores que podem estar envolvidos, como o uso de álcool, além de que o fato de possuir alguma psicopatologia não faz os indivíduos serem assassinos. O contexto no qual o indivíduo se situa também é importante de ser analisado, já que os indivíduos são biopsicossociais.

Pontua-se a necessidade de dar maior preparo para os profissionais que trabalham em escolas, para que possam ter um olhar mais crítico das situações problemas que ocorrem constantemente e para que possam ser mais capacitados ao fazerem uma intervenção. Muitos problemas são ignorados ou não recebem a devida atenção nas escolas, sendo esse fator importante para a eclosão de um possível massacre.

Por fim, ressalta-se que a proposta do trabalho não foi de construir um perfil psicológico e demográfico dos *school shooters*. O objetivo foi de pontuar as variáveis em comum que aparecem em tiroteios escolares. Além de que, esses fatores não podem ser analisados sozinhos e generalizados. Nem todo mundo, por exemplo, que sofre *bullying* ou assiste conteúdos violentos será um atirador escolar. Deve-se sempre analisar os vários contextos e variáveis que permeiam a violência escolar.

Referências

ARAÚJO, A. R. **Entrevista 1** concedida a Bruna Mendes Cardozo e Diego Artur da Silva Souza. Belo Horizonte, 29 de março de 2019.

BANDEIRA, C. HUTZ, C. *Bullying*: prevalência, implicações e diferenças entre os gêneros. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo. vol.16, n.1, 2012.p.35-44. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000100004> Acesso em: 15 de março de 2019



BARRETO, W. W. P.; **Entrevista 2** concedida a Bruna Mendes Cardozo e Diego Artur da Silva Souza. Belo Horizonte, 30 de março de 2019.

BASILIO, A. L. Massacre de Suzano é o oitavo em escolas do Brasil desde 2002. **Carta Capital**. Editora Confiança, 13 de março de 2019. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/massacre-de-suzano-e-o-oitavo-em-escolas-do-brasil-desde-2002/>> Acesso em: 15 de março de 2019.

DAEMON, F. Entre muros e as mídias: o *bullying* e o *school shooting* numa perspectiva comunicacional. **Revista Epos**. Rio de Janeiro. vol.6, n.2. 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v6n2/02.pdf>> Acesso em: 11 de março de 2019.

DALGALARRONDO, P. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed. 2008.

D'AUREA, T. D.; PAULA, F. V. Violência na escola e da escola: desafios contemporâneos à Psicologia da Educação. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRABEE)**. vol.13, n.2, 2009. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pee/v13n2/v13n2a18.pdf> Acesso em: 19 de março de 2019.

FARIAS, M. R.; SOUSA, L. A. F. D. *Bullying* escolar: uma ferida aberta na sociedade. **Revista Expressão Católica**. vol.5, n.1. 2016. Disponível em: <<http://publicacoesacademicas.unicatolicaquixada.edu.br/index.php/rec/article/view/1472/pdf1>> Acesso em: 12 de março de 2019.

MENA, F. Obsessão por game, abandono dos pais e *bullying* marcaram a vida de atirador. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 14 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/obsessao-por-game-abandono-dos-pais-e-bullying-marcaram-vida-de-atirador.shtml>> Acesso em: 15 de março de 2019.

OLIVEIRA-MENEGOTTO, L. M. D.; PASINI, A. I.; LEVANDOWSKI, G. O *bullying* escolar no Brasil: uma revisão de artigos científicos. **Teoria e prática**. São Paulo, vol.15, n.2. 2013. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/5070/4464>> Acesso em: 14 de março de 2019.

PATEL, J. K. After Sandy Hook, More Than 400 People Have Been Shot in Over 200 School Shootings. **The New York Times**. New York, 15 fev. 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/interactive/2018/02/15/us/school-shootings-sandy-hook-parkland.html>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2019.

REINHOLD, R. Killer Depicted as Loner Full of Hate. **The New York Times**. New York, p.8, 20 jan. 1989. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1989/01/20/us/killer-depicted-as-loner-full-of-hate.html>> Acesso em: 04 de fevereiro de 2019.



RODRIGUES, T. Mídias participativas e violências extremas: uma etnografia on-line dos tiroteios em escolas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo. vol.32, n.94. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092017000200703> Acesso em: 19 de março de 2019.

SARMENT, M. Contribuições da psicologia social no estudo da interação entre jogo e jogador. **XI SBGames**. Brasília. 2012. Disponível em: <www.sbgames.org/sbgames2012/proceedings/papers/cultura/C_S1.pdf> Acesso em: 20 de março de 2019

SILVA, A. P. **Sociedade do risco, novas formas de violência e os dilemas da cidadania**: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. 2016. Dissertação (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP: Araraquara, São Paulo. 2016.

TORO, G. REENDE, A. NEVES, P. *Bullying*, o exercício da violência no contexto escolar: reflexões sobre um sintoma social. **Psicologia: teoria e prática**. São Paulo. vol.12, n.1. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872010000100011> Acesso em: 21 de março de 2019

VIEIRA, T. M.; MENDES, F. D. C.; GUIMARÃES, L. C. D. Columbine à Virgínia Tech: reflexões com base empírica sobre um fenômeno em expansão. **Psicologia: reflexão e crítica**. vol.22, n.3. 2009. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/ptp/article/view/5070/4464>> Acesso em: 15 de março de 2019.